

A parceria Embrapa Rondônia e Cooperama

Victor Ferreira de Souza¹

A história dos negócios tecnológicos na Embrapa, como instrumento de difusão de tecnologias, pode ser dividida em dois momentos de natureza distintas.

O primeiro, de relativa fartura de recursos públicos, teve como principais características a visão de que muitos produtores seriam incapazes de arcar com os custos da modernização tecnológica, e que o Estado deveria financiar as atividades de pesquisa e desenvolvimento (P&D), e de transferência de tecnologias, por intermédio da Embrapa, deveria doar o resultado desse investimento, entre outros. Essas visões foram incapazes de garantir uma distribuição justa dos benefícios gerados e a manutenção dos investimentos públicos em P&D e transferência de tecnologias, já que os segmentos mais organizados e capitalizados da sociedade foram mais ágeis em se apropriar destes bens públicos e usá-los em benefício próprio.

Entretanto, a necessidade de ampliar as fontes de financiamento das atividades de P&D e de transferência de tecnologias levaram a questionar estas premissas. Dessa reflexão resultou a busca por recursos adicionais, mediante venda de excedentes de pesquisa, por meio dos "projetos de produção" e a criação de estruturas de "captação de recursos". Como consequência, criou-se uma visão de negócios na empresa. Concomitantemente, deu-se a consolidação de cadeias produtivas, fundadas essencialmente em tecnologias, e ampliou-se a busca por modernização tecnológica.

Assim, ficou cada vez mais clara a necessidade de captar recursos para P&D (mas, ainda, com papel majoritário do Estado) e de negociar para multiplicar as oportunidades de distribuição e transferência de tecnologias (com concentração de participação do setor produtivo nas fases finais do processo de desenvolvimento de produtos e processos e da transferência de tecnologias).

Num segundo momento, em decorrência de macro tendências mundiais e nacionais, como: economia globalizada; queda de barreiras físicas, políticas, tarifárias e legais; aumento do acesso à informação; participação crescente da sociedade nos processos de decisão do governo; maior necessidade do setor privado em financiar projetos de P&D; aumento da estratificação e segmentação do negócio agrícola, entre outros, ficou patente que, além de oferecer bons produtos e serviços, a empresa teria que manter, em parceria com os setores público e privado, um bom sistema de distribuição e promoção para sucesso na transferência de tecnologias. Foi com essa visão de integração com o mercado que nasceu a parceria do Centro de Pesquisa Agroflorestal de Rondônia (Embrapa Rondônia) com a Cooperativa dos Produtores da Amazônia (COOPERAMA), para a viabilização de soluções tecnológicas e transferência de tecnologias para o agronegócio do palmito de pupunha.

O primeiro contato entre a COOPERAMA e a Embrapa Rondônia ocorreu no primeiro trimestre de 1996, quando um de seus diretores procurou a instituição com o objetivo de discutir as possibilidades do cultivo no Estado e as perspectivas de mercado, bem como quais tecnologias estavam disponíveis no momento. Demonstrada a viabilidade de cultivo, baseada na origem da planta e de informações de outras instituições da Amazônia, e fornecidos alguns indicativos de mercado – que a Cooperativa ficou de efetuar estudo mais detalhado – os técnicos da Embrapa deixaram claro que as tecnologias desenvolvidas para as condições do Estado, até aquele momento, restringiam-se à produção de mudas. Informações gerais existiam em boa quantidade, mas, principalmente, para as condições do Peru e Costa Rica e algumas, mais pontuais, de instituições da Amazônia brasileira. Desta forma, ficou evidente que a Cooperativa

¹ Eng. Agr. D.Sc. Embrapa Gado de Leite, Rua: Eugênio do Nascimento, 610, CEP 36038-330, Juíz de Fora, MG.

deveria, se decidisse entrar no negócio, iniciar em escala pequena, para com experiência adquirida, e com adaptação de tecnologias, aumentar paulatinamente os plantios. A proposta da Embrapa foi aceita e iniciada uma parceria que, mesmo informal, vem rendendo bons resultados, sob a ótica de que o setor privado deveria financiar as atividades de pesquisa e desenvolvimento, bem como a transferência de tecnologias.

O ano de 1996 caracterizou-se como o de experiência na produção de mudas em uma escala maior que a Embrapa Rondônia já havia testado. Os problemas foram muito grandes, haja vista, a decisão de entrar no agronegócio de palmito ter sido concretizada após o mês de março, quando não mais havia sementes disponível. A utilização de plântulas obtidas em outros locais do estado acarretou perdas consideráveis no viveiro, decorrentes de uma série de problemas de manejo das mesmas. Por outro lado, as mudas produzidas (aproximadamente 100.000) serviram para o plantio dos primeiros 20 ha, em áreas anteriormente ocupadas com pastagens, onde se testou preparo da área e plantio, com a utilização de sulcador para se evitar os gastos com o coveamento manual (5.000/ha), adubação de fundação (plantio) e em cobertura (para o primeiro ano) e controle de ervas. Foi também plantada uma pequena área (1 ha) onde a vegetação era uma capoeira, com aproximadamente 5 anos, pois, das 600.000 mudas que a Cooperativa visava, 500.000 seriam em áreas de produtores, que, fatalmente, utilizariam "áreas de toco" em seus plantios. As observações feitas neste primeiro ano foram de fundamental importância para a ampliação do projeto que deveria ocorrer a partir de 1997. Pois, como mencionado, à exceção da produção de mudas, os plantios responderam muito bem às práticas utilizadas.

Em 1997 voltaram a ocorrer problemas com produção de mudas, mas desta vez, decorrentes da escala (aproximadamente 500.000 mudas). Ocorreram atrasos no enchimento das sacolinhas, e conseqüente retardo na repicagem, irrigação e aclimação de mudas. Por outro lado, as dificuldades encontradas permitiram a adaptação de uma série de tecnologias, como repicagem à pleno sol, ferti-irrigação (que reduziu, praticamente a zero, os gastos com mão-de-obra nas adubações em cobertura no viveiro) e controle preventivo de pragas e doenças. Estas adaptações encontram-se disponíveis nas "Recomendações Técnicas n.2" da Embrapa Rondônia. Este também foi o ano das primeiras tentativas de transferência de tecnologias com a cultura no Estado. No dia 28 de junho foi realizado o "1 Dia de campo sobre cultivo de pupunha visando a obtenção de palmito", em Itapuã do Oeste, RO, que contou com a participação de 130 pessoas entre técnicos da extensão rural (Emater e Ceplac) e produtores rurais da região. Em 27 e 28 de agosto ocorreu o "Curso sobre cultivo de pupunha para produção de palmito" ministrado pelos agrônomos Jorge Miguel Perez Velas e Luis Alberto, respectivamente ex-pesquisador e pesquisador, do Instituto de Nacional de Investigaciones Agrícolas do Peru, em Yurimáguas e Pucalpa, contando com a colaboração de técnicos da Embrapa Rondônia e apoio financeiro da Cooperama e Sebrae-RO. Neste curso participaram 45 pessoas, com predominância de técnicos da extensão rural, do fomento e da inspeção sanitária, além de alguns produtores rurais.

Em termos de geração de tecnologias, não se pode iniciar o estudo do que será o principal fator de longevidade e produtividade dos plantios na região, à adubação de manutenção. Esta atividade estava prevista para ser iniciada em novembro de 1997, mas a impossibilidade de se iniciar os cortes dentro de um período de seis meses, por inexistência da indústria de beneficiamento, impossibilitou o estudo. O mesmo aconteceu no ano agrícola 1998/99.

Os resultados da adaptação de tecnologias e as atividades de transferência destas, efetuadas em 1997, tiveram reflexos imediatos no ano de 1998. O interesse pela cultura aumentou muito, com demandas de várias prefeituras e particulares de diversas regiões do Estado. Aliado a isto ocorreu o incentivo da Ceplac, com financiamento do BASA, para o consórcio de cacau com pupunha. Este ano caracterizou-se como o de validação das tecnologias geradas ou adaptadas em 1997, em um viveiro de dimensões inéditas na região - 1.000.000 de mudas. Os resultados foram excepcionais, pois obtiveram-se 700.000 mudas rigorosamente dentro dos padrões estabelecidos pela Comissão Estadual de Sementes e

Mudas do Estado de Rondônia (CESM-RO). Neste ano ocorreu o "II Dia de campo sobre cultivo de pupunha visando a obtenção de palmito", em 18 de julho, com 192 participantes de vários municípios do Estado e de outras unidades da federação. A grande concorrência ao evento veio comprovar o interesse que a cultura estava despertando e demonstrou que havia consenso entre os técnicos que, ao contrário de outros sistemas de exploração agropecuários praticados no Estado, o cultivo da pupunha deveria ser calcado em tecnologia, como forma de se ter retorno dos altos investimentos no plantio (aproximadamente US\$ 2.000 por hectare). No que se refere às publicações, foram produzidas duas em 1998 sobre doenças da pupunheira, baseadas em observações feitas não apenas nos plantios da Cooperativa, mas em outros existentes no Estado.

Dentre diversas demandas de pesquisas futuras, pode-se destacar:

- Adubação de manutenção;
- Manejo de perfilhos;
- Densidade de plantio;
- Cultivo em sistemas agroflorestais;
- Irrigação e
- Melhoramento genético.

Como demonstrado, muitas atividades foram realizadas através da parceria da Embrapa Rondônia com a COOPERAMA, mas muito ainda precisa ser feito. Pesquisas com pupunheira, devido à sua variabilidade genética, necessitam de grandes áreas experimentais, o que acarreta elevados custos de implantação e de manutenção, além da exigência de mão-de-obra. Assim sendo, a experimentação com a cultura, pela Embrapa ou por outras instituições de pesquisa, deverá contar com a parceria da iniciativa privada, acompanhada de ampla divulgação dos resultados, para que um maior número de produtores sejam beneficiados.